

TÉCNICA, EXPERIÊNCIA E ARTE EM WALTER BENJAMIN

Marco Cesar de Souza Melo
Izabele Ferreira dos Santos

O homem quis sonhar, o sonho governará o homem (Baudelaire).

RESUMO

Partindo da leitura dos textos *Experiência e Pobreza* (1933), e *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936) do filósofo alemão Walter Benjamin, demonstraremos como se deram o fim da experiência e o fim da aura da obra de arte. Ao presenciar de perto as catástrofes que permeavam o século XIX, o autor notou grandes transformações tanto no patrimônio cultural, quanto na arte. Notou que a Guerra, apesar de ter provocado enormes devastações na sociedade em que vivia, não era a única responsável por essas transformações. Então, Benjamin concluiu que a chegada da modernidade e o progresso dos meios técnicos, além de causarem um intenso choque no homem, como salientava o poeta francês Charles Baudelaire causaram também uma fragmentação na experiência que era repassada através das gerações, bem como na autenticidade da obra de arte. Através de um levantamento bibliográfico, concluímos que Benjamin (sob a visão de Marx), foi capaz de enxergar a alienação que os meios técnicos causavam nas massas através de objetos lançados pelo mercado, e, sobretudo, como o homem acabou tornando-se vítima de sua própria criação no decorrer deste processo.

Palavras-chave: Técnica. Experiência. Arte. Modernidade. Fragmentação.

TECHNIQUE, EXPERIENCE AND ART IN WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

*Starting from the reading of the texts *Experiência e Pobreza* (1933) and *The work of art in the era of its technical reproducibility* (1936) by the German philosopher Walter Benjamin, we will demonstrate how the end of the experience and the end of the aura of the work of art. By witnessing up close the catastrophes that permeated the 19th century, the author noticed great transformations both in cultural heritage and in art. He noticed that the War, despite having caused enormous devastation in the society in which he lived, was not the only responsible for these transformations. So, Benjamin concluded that the arrival of modernity and the progress of technical means, in addition to causing an intense shock to man, as the French poet Charles Baudelaire pointed out, also caused a fragmentation in the experience that was passed on through generations, as well as in authenticity of the artwork. Through a bibliographic survey, we concluded that Benjamin (under Marx's view) was able to see the alienation that the technical means caused in the masses through objects launched by the market, and, above all, how man ended up becoming a victim of his own creation in the course of this process.*

Keywords: *Technique. Experience. Art. Modernity. Fragmentation.*

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

Introdução

Como filho da passagem do século XIX para o século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), presenciou desde cedo uma série de desastres provocados pelo regime nazista e pelas duas grandes guerras. Esses desastres causaram impactos violentos na vida do autor, assim como também impactaram profundamente a sociedade e o estilo de vida que levavam as pessoas.

Em meio a essa monstruosa tempestade de acontecimentos, começava-se a perceber um leque de modificações no cenário instaurado pelo avanço tecnológico e econômico, o qual se desenvolvia ao longo deste período. Diante desse processo, e ao analisar também os produtos da Indústria Cultural que estavam surgindo, o autor começou a notar um enfraquecimento na arte. Com isso, o jovem Benjamin foi estimulado a investigar os fenômenos que estavam por trás dessas transformações.

Ao dar início à sua análise o filósofo logo percebeu que as modificações que estavam ocorrendo eram consequências trazidas pela modernidade e por seu eventual progresso. A chegada da vida moderna trouxe grandes mudanças para o século XIX, a começar pelo crescimento do processo industrial: dentre outras consequências desse crescimento, pode-se considerar o controle de quase todos os modos de produção.

Para falar sobre esse período e seu contínuo progresso técnico, Benjamin recorre à lírica do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867)¹. O autor percebe nos versos baudelairianos uma nova maneira de entender a vida moderna e as alterações que sofreram os indivíduos ao tentarem se adaptar a ela. Durante seu processo de análise o autor também notou um enfraquecimento da experiência, chegando a concluir que a principal responsável por essa destruição era a guerra.

A fim de que possamos estabelecer uma melhor compreensão acerca da vida moderna e da grande transformação que se deu na arte e no patrimônio cultural, nos debruçaremos sobre dois importantes ensaios do autor, escritos durante a década de 1930. Através destes, mostraremos como a partir do desenvolvimento tecnológico se deu a fragmentação da experiência e a fragmentação da aura da obra de arte.

¹ O poeta Charles Baudelaire era tido por Benjamin como o primeiro poeta a utilizar suas rimas para falar sobre o ritmo da cidade grande, e sobre os choques que esta causava na vida dos indivíduos.

Desse modo, o presente trabalho está estruturado em dois tópicos. No primeiro tópico, *A modernidade e a fragmentação da experiência*, demonstraremos a partir da leitura do ensaio *Experiência e pobreza* de 1933, como se deu a fragmentação do patrimônio cultural que era mantido através das gerações. No segundo tópico, *A passagem do valor de adoração para o valor de exposição* demonstrará através da análise do texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* de 1936, como ocorreu à fragmentação da aura da obra de arte, dada pela reprodutibilidade técnica.

1 A modernidade e a fragmentação da experiência

Em seus ensaios dos anos 1930, Walter Benjamin deixa evidente o clima de tensão que estava vivendo. Além da influência da prosa baudelairiana que encontramos em seus textos, o autor nos faz concluir que esse clima que paira sobre seus escritos advém do terrível leque de consequências deixado pela Primeira Guerra. Em meio a essa gama de destruições provocadas pelos confrontos, foi possível perceber uma fragmentação da experiência.

Nas linhas que seguem o ensaio *Experiência e pobreza* escrita em 1933, percebemos esse mal-estar quando o filósofo diz que “as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história universal” (BENJAMIN, 2012, 124). Está claramente comprovado que o fim da experiência encontrou seu ápice na guerra, e nas destruições provocadas por ela².

Ao retornarmos ao início do ensaio, onde Benjamin ao narrar uma fábula que conta a história de um pai que, em seu leito de morte, conta para seus filhos sobre a existência de um tesouro em suas vinhas, notamos que através dessa narrativa, tanto o autor quanto o pai nos atentam para a transmissão de uma experiência real, fruto do patrimônio cultural.

Passado algum tempo, foi-se notando um enfraquecimento nesse patrimônio. As narrativas começaram a perder seu valor, ninguém tinha mais tempo para sentar

² In. Art. *A magia da técnica em Walter Benjamin*. EDMAR, J, TEREZINHA, M. 187.

em volta da lareira para ouvir o que os mais velhos tinham a lhes transmitir. Os livros que haviam sido escritos neste período não continham nenhum tipo de experiência que não fossem as histórias das grandes tragédias provocadas pelos confrontos na guerra. Benjamin, nesse sentido, assegura que

Nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que foi à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 2012, 124).

O patrimônio cultural sempre foi transmitido em forma de experiências: entretanto, ao tentarem destruir esse patrimônio, restou apenas a experiência da guerra e das grandes destruições que ela causou. A subjugação do homem à técnica levou a civilização a uma nova espécie de barbárie³, pois o fez ser vítima de sua própria criação.

Entretanto, a perda da experiência não se deu apenas pela guerra, mas também pelo vertiginoso desenvolvimento da técnica. O sistema capitalista que dominava o século XIX fortaleceu esse cenário com poderosos armamentos, causando não apenas a morte de muitos combatentes, mas uma drástica ruptura na construção de histórias que estes traziam ao retornar das batalhas.

Olgária Matos costuma dizer que

A “pobreza de experiência” é uma *Armseligkeit*, é “pobreza de alma”, pois a técnica produz tão somente “revolta de escravo da técnica”, pois são escravos aqueles que da linguagem só entendem ordens dadas, e não o exercício do pensamento que ela faculta (MATOS, 2010, 204).

A “pobreza de alma” colocada pela autora, diz respeito a uma espécie de aprisionamento em que o homem é inserido. Pois, à medida que ele criava objetos para diminuir seu ritmo de trabalho, e esses mesmos objetos acabavam duplicando sua

³ O conceito de “barbárie” explicitado pelo autor, é visto como um conceito negativo, pois Benjamin acreditava que os homens deveriam buscar melhores condições, no entanto, deveriam se impor e não tornarem-se marionetes controláveis pelo Capitalismo.

jornada, isso lhe causava uma imensa revolta. Ou seja, ele acabou tornando-se escravo de sua própria criação, e via-se obrigado a permanecer dentro dessas rédias impostas pelo sistema.

Este processo se repete constantemente durante as jornadas de trabalho que são postas ao homem. O sistema capitalista impõe regras às quais o trabalhador é obrigado a obedecer; uma quantidade de máquinas que ao invés de reduzir o tempo de trabalho faz com que este se torne cada vez maior e mais cansativo, tudo isso para que se possa obter um maior êxito nas produções.

O crescente tempo de trabalho que é desempenhado pelo homem acarreta em um aceleração do tempo de vida, provocado pelo choque⁴ que o mesmo sofre, pela impossibilidade que o homem tem para seu próprio tempo de lazer. Em consequência disso o homem não tem condições de adquirir novas experiências fora de seu local de trabalho, uma vez que no mesmo ele é proibido de “desperdiçar tempo” ao tentar estabelecer vínculo com outros indivíduos, tornando-se alienado⁵.

Esse ritmo cresceu consideravelmente quando pequenos grupos de indivíduos saíram do campo, e foram para a cidade em busca de melhores condições. Ao chegarem ao espaço urbano, sem conhecer as regras que eram impostas neste ambiente, viram-se obrigados a estabelecer um jogo de todos contra todos para que pudessem sobreviver aos perigos que poderiam sofrer neste novo ambiente.

Quando estes mesmos grupos se efetivaram nos locais de trabalho, embora houvesse uma exploração em cima deles por parte do sistema capitalista, permaneceram ali, pois, à medida que o mercado tende a se desenvolver, eles teriam mais oportunidades para obtenção de lucro.

Sendo assim, podemos considerar estes indivíduos como os próprios “bárbaros”, pois ao tentar se adaptar a uma nova experiência de vida, sem conhecerem as normas impostas pelo sistema, eles tenderão a sofrer grandes explorações em seus locais de trabalho.

⁴ A experiência do choque que sofre o trabalhador corresponde à mesma experiência de choque que sofre o poeta ao encontrar uma moça em meio à multidão. Ao se apaixonar por ela, este vira-se para ir ao seu encontro, no entanto, acaba perdendo-a em meio à massa. Este episódio é contado por Baudelaire, no poema *A uma Passante* (BENJAMIN, 1989, 117).

⁵ O conceito de alienação utilizado por Benjamin é extraído de Karl Marx.

Este processo desencadeia uma espécie de alienação por parte do capitalismo, e por parte do próprio indivíduo, pois à medida que a produção de mercadorias aumenta, eles sofrem uma necessidade de produzir cada vez mais. Essa alienação, por sua vez, torna a vida do homem uma vida vazia, e sem experiências.

Ao desempenhar sempre este mesmo trabalho, o homem é inserido em uma espécie de bolha, pois ele não dispõe de outras formas de aprendizagem. Ora, esse ritmo acaba tornando-se intediante para o homem, no entanto, ele não possui alternativa, que não seja continuar a desempenhá-lo.

Neste sentido, Benjamin nos mostra que com a democratização da técnica, ocorre um esvaziamento de sentidos, pois o homem passa a ter tempo apenas para o trabalho, e muito raramente para adquirir outras experiências. Logo, as experiências geracionais são facilmente trocadas por objetos de consumo que vão satisfazendo seus desejos até que o mercado possa lançar algo novo.

Restando, pois, um sentimento de mal-estar no cotidiano do indivíduo, ou seja, os objetos (mercadoria) funcionam como uma espécie de jogo⁶, os quais estão sempre se apresentando para provocar desejo no homem, impedindo-o de retornar a outros tipos de experiências. Convém lembrar ainda que a experiência que é tida com os objetos é uma experiência vazia, pois ela não traz nenhum acréscimo, apenas preenche por um tempo o desejo consumidor, até que surja algo novo.

Para que o consumo pudesse se alastrar, e assim, provocar mais desejo nas massas, surgiu às gigantescas galerias de vidro⁷, onde tudo era exposto e apreciado ao máximo por qualquer indivíduo. Benjamin, nesse sentido, enxerga a cultura de vidro como uma forma de prender a atenção do consumidor que olha admirado para as mercadorias, pois como o autor nos diz, “as coisas de vidro não têm aura. O vidro é em geral inimigo do mistério” (BENJAMIN, 2012, 126).

Não possuindo aura, é mais fácil que as pessoas consigam enxergar através dele, assim como acontece com os objetos que estão do outro lado da vitrine. Benjamin, sob a ótica de Baudelaire enxergou na arquitetura parisiense uma nova

⁶ O caráter desempenhado pelo jogo é dado no momento em que se tenta distinguir o que é real do que é ilusão, ou seja, o que seria o objeto original do que seria a sua reprodução, cópia.

⁷ As galerias de vidro nos fazem lembrar às luxuosas galerias parisienses, de modo que o próprio Walter Benjamin, no texto: “Paris, Capital do Século XIX”, refere-se à elas como o centro das grandes exposições “...de modo que tal passagem é uma cidade, um mundo em miniatura.”

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

maneira de expor a mercadoria ao máximo, desse modo:

No momento em que o mercado exhibe mercadorias e a cidade, as massas, Baudelaire é capaz de transformar um choc em experiências, pois desfaz a contemplação monovalente do real e o parentesco de valores opostos, transformando a repetição do sempre igual em “objeto único”, em novidade (MATOS, 2010, 209).

Ao expor as mercadorias nas gigantescas prateleiras, as massas se aproximam para que possa contemplá-las, essa contemplação chega até elas em forma de choque, em que ficam extasiadas ao olhar para os objetos. Embora não sendo o objeto original, as massas param para observar as novidades postas pelo mercado. Nesse sentido, os objetos são tidos por elas como objetos de adoração⁸.⁹

Dessa maneira, ao serem colocadas em exposição, as mercadorias perdem seu caráter de autenticidade para dar espaço às suas reproduções. É nesse momento que o objeto perde a sua aura, o seu mistério. Este episódio é captado em forma de choque pelo autor, pois a experiência ocorrida naquele determinado momento permite com que o homem observe as transformações que a mercadoria sofre ao deixar de ser única.

Este processo também se dá com a obra de arte, que no Período Medieval era tida como objeto de adoração. Entretanto, com a chegada da modernidade e dos novos aparatos técnicos, a obra perde seu caráter cultural para dar vez ao seu caráter expositivo.

A reprodução da obra permite que ela se transforme em uma experiência coletiva. Embora esse progresso¹⁰ soe como algo positivo, ele acarreta numa fragmentação do patrimônio, pois tudo passa a ter um valor político. Dentro desta lógica, o patrimônio que foi sedimentado ao longo da vida, agora é trocado pela míúda moeda do atual, como mostra o próprio autor.

⁸ Adoração, neste sentido, refere-se à adoração ao próprio sistema Capitalista.

⁹ É importante enfatizar que o objeto de estudo de Walter Benjamin encontra-se dentro do sistema Capitalista analisado por Karl Marx.

¹⁰ A ideia de progresso para Benjamin foge da ideia tradicional. O filósofo rompe com a linearidade da história. Ele faz um retorno ao passado para conhecer o seu presente, passando a mostrar o outro lado da história.

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

Nesse momento, Benjamin realiza um importante salto ao relacionar a perda da experiência com a perda da aura da obra de arte. Pois no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* publicado em 1936, o autor mostra como ocorre a fragmentação. É importante ressaltar que nesse estudo também encontramos vestígios da lírica baudelairiana, pois Benjamin, para falar da obra de arte, recorre a Baudelaire e ao seu estudo sobre a técnica e sobre os meios de produção e reprodução das obras.

2 A passagem do valor de adoração para o valor de exposição

Ao observar o sistema capitalista analisado por Karl Marx (1818-1883), Benjamin percebeu uma série de transformações que viriam a ocorrer no decorrer do próprio sistema. Muito embora a exploração em cima do trabalhador¹¹ aumentasse consideravelmente, a verdadeira preocupação do autor era analisar os fenômenos que estavam por trás das transformações que estavam ocorrendo na arte.

Como sabemos, obra de arte sempre foi possível de reprodução. A todo o momento havia discípulos imitando¹² as obras de seus mestres, ou pessoas que reproduziam imitações para que pudessem obter algum tipo de lucro. Este processo de reprodução teve início na Idade média com a xilogravura, que não se demorou muito e foi ultrapassada pela litografia no século XIX. A litografia trouxe uma nova técnica de reprodução para o mundo moderno, no entanto, foi substituída pela fotografia e pela imensa quantidade de reproduções que esta viria a proporcionar.

Dessa maneira, a mão foi deixada de lado e as obras de arte foram ganhando *status* de autonomia ao serem reproduzidas mais rapidamente. Notamos com a evolução das reproduções, imagens cada vez mais perfeitas e possíveis de novas percepções. A fotografia, por exemplo, passou a ganhar destaque no momento em que começou a apresentar nuances que até então eram imperceptíveis, pois no simples gesto de congelar uma imagem foi possível captar detalhes que anteriormente eram impossíveis de se captar através de outro aparelho.

¹¹ É importante enfatizar que o objeto de estudo de Walter Benjamin encontra-se dentro do sistema Capitalista analisado por Karl Marx.

¹² As imitações feitas neste período ainda não eram reproduzidas através de aparelhos tecnológicos, mas sim, através de outros meios muito mais manuais, artesanais.

É a partir desse momento que conseguimos presenciar a necessidade de se copiar algo infinito através da fotografia: no entanto, essas cópias fazem com que a arte perca a sua singularidade, uma vez que a história da arte se faz na sua autenticidade. Para Benjamin, a verdadeira arte acontece em um momento único e, portanto, sagrado, entre o artista e a sua obra, e ele afirma isso ao dizer que, “mesmo a reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra” (BENJAMIN, 2012, 181).

Nesse espaço-tempo que ocorre, percebemos que é de fato possível reproduzir a arte, todavia, é impossível reproduzir a experiência que acontece no momento em que o artista pinta a sua obra, ou até mesmo, no momento em que uma pessoa qualquer para admirar a Mona Lisa de Da Vinci no museu do Louvre em Paris. É nesse momento onde acontece o *hic et nunc* – aqui e agora da obra de arte, onde nota-se a experiência contemplativa sendo efetivada no momento de adoração.

Entretanto, a chegada da reprodutibilidade técnica fez com que esse caráter de adoração se perdesse, uma vez que a produção da obra de arte se tornou mais autônoma. Isto provocou uma série de consequências no valor sagrado das obras, pois os meios de reprodução, segundo Benjamin, possibilitaram a democratização da arte, e a partir disso, as massas proletárias passaram a ter acesso ao que antes era impossível.

Apesar de demonstrar pontos positivos na reprodução das obras, notamos alguns pontos negativos também, como por exemplo, a fragmentação na experiência aurática das obras. Visto que, quanto mais ela é reproduzida, mais ela perde a sua autenticidade, ou seja, a sua aura. Contudo, isso não significa que a aura desaparecerá por completo, pois ainda existem estátuas que são envolvidas por essa teia sagrada.

Falar da autenticidade de uma obra para Benjamin é falar de algo extremamente sagrado posto que para ele, este ritual seria uma forma de se comunicar com o divino, através da adoração às antigas estátuas gregas. Neste sentido, autor diz que a aura é

Uma teia singular composta por elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa por mais distante que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho (BENJAMIN, 2012, 184).

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

A aura da obra de arte é o que consiste no seu valor de autenticidade e singularidade. Logo, ao ser reproduzida a obra perde esses elementos essenciais, pois a adulteração do seu original possibilita uma distância que surge entre espectador e obra, à medida que esta é reproduzida serialment¹³. Há uma fragmentação no elemento místico que a envolve, ou seja, este elemento tende a acompanhar as suas reproduções.

Com a chegada dos meios de reprodução, as coisas tendem a ficarem mais próximas de nós. Contudo, isso não significa que a Mona Lisa perderá a sua aura. O que Walter Benjamin quer nos mostrar é que, como a imagem que vemos em uma tela nos aproxima mais rapidamente da obra, e só depois da experiência contemplativa, aos termos contato diretamente com a pintura original, nesse espaçotempo que existe, já não é possível vivenciarmos um choque, se antes já tivermos tido contato com as cópias desse original. Afinal, já estando acostumados a ver a obra de arte sendo representada através de imagens, a possibilidade de ir ao museu para contemplar a obra original, não nos impactará da mesma forma. Logo, a experiência que é sentida ao apreciar a obra original passa a não ser tão forte. Sendo assim, nós tendemos a perder a dimensão da arte, visto que a autenticidade da mesma possui um caráter divino.

Ou como diz o próprio autor, “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem até o seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 2012, 182). Pois como se sabe, no período medieval não se podia reproduzir as estátuas, pois elas tinham uma história social por trás de sua existência, ou seja, elas tinham uma aura.

Nesse aspecto, há uma transformação na obra pois, ao sair de seu caráter de adoração e chegar em um caráter onde tudo é exposto, a aura da obra de arte tende a se dissolver, como ocorre por exemplo na fotografia, e no cinema. Em ambos, não existe um espaço para o culto religioso, mas sim, um culto à exibição e às novidades que eles proporcionam.

¹³ In. Art. *O declínio da Aura na idade da Técnica: um estudo da obra de arte em Walter Benjamin*. ARIADNE, Y, CESAR, M. 75.

No âmbito dessa exposição, o cinema apesar de ser uma produção bastante custosa, é criado para atingir todo o público, pois ele proporciona com que todas as classes possam se integrar, ou seja, ele é produzido pela massa e para as massas. Nesse sentido, o cinema tem o poder de fazer com que elas fiquem cada vez mais próximas. Benjamin enfatiza que

O cinema ainda não compreendeu o seu verdadeiro sentido, suas verdadeiras possibilidades... seu sentido está na sua faculdade característica de exprimir, por meios naturais e com uma incomparável força de persuasão a dimensão do fantástico, do miraculoso (BENJAMIN, 2012, 192).

Com o intuito de apresentar uma nova forma de entretenimento, nota-se que a arte do cinema consiste numa tentativa de transmitir algo de extraordinário para as massas. Isso se constitui no seu jeito próprio de montagem, visto que na montagem das cenas, há todo um jogo para que cada detalhe da cena saia impecável e assim, o público sintam-se cada vez mais atraído pelo espetáculo que o mesmo proporciona.

Diferente da fotografia que ao capturar uma imagem pode considerá-la como uma obra de arte, o cinema ao capturar imagens (cenas), necessita de uma grande quantidade de fragmentos capturados, para através de eles produzirem um filme e, somente assim, ser considerado uma obra de arte. A partir disso, podemos dizer que o cinema é considerado uma arte *sui generis*, pois é preciso que haja perfectibilidade em cada movimento desempenhado.

Ele também se diferencia do teatro, visto que no teatro as cenas são interpretadas para o próprio público, e não para um aparelho. Ora, não há necessidade de aparelhos técnicos que capturem imagens de atores para que possa ser reproduzido posteriormente através de outro aparelho. Para que se possa estabelecer uma melhor compreensão sobre esses dois meios, é preciso que se diferencie o ator de cinema, do ator de teatro.

O ator cinematográfico não se apresenta para o público mas, antes, para as lentes de uma ou mais câmeras que são comandadas por uma equipe de profissionais específicos para isto. A representação do ator exige dele uma grande concentração para atender às exigências que são impostas.

A boa representação possibilita que o filme possa ser gravado e depois exibido para o público espectador. Os filmes, enquanto mercadorias, provocam uma alienação

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

no seu público, fazendo com que este sempre lote os locais onde serão exibidas as películas.

Aléxia Bretas sustenta que

O próprio Benjamin chamaria atenção para “as verdadeiras possibilidades” das películas cinematográficas ao ingressarem em um contexto “pós-aurático” emancipado do ritual e marcado por sua indelével reprodutibilidade. Ele escreve: “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana” (BRETAS, 2006, 166).

Ao ingressar em um caráter pós-aurático, o cinema ganha um espaço de culto diferente da obra de arte em seu caráter primeiro, pois o ritual que agora segue o cinema é o culto da mercadoria, as massas estão enfeitiçadas pelo poder que a tecnologia pôs sobre o mesmo. Notamos a existência de uma experiência de choque, em meio às percepções e recepções que o público sofre ao se deparar com o filme e seu novo modelo de entretenimento.

Ao falarmos do entretenimento que o cinema traz, não poderíamos deixar de falar de um dos personagens mais importantes deste meio. Recordando o ensaio *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin coloca que um dos principais representantes da vida contemporânea, como assim conhecemos, é o camundongo Mickey. O autor deixa claro que

A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles. Pois o mais extraordinário neles, é que todos, sem qualquer maquinário, saem improvisadamente do corpo do camundongo Mickey, dos seus aliados e perseguidores, dos móveis mais cotidianos, assim como das árvores, nuvens e lagos (BENJAMIN, 2012, 218).

A existência do camundongo Mickey é vista por nós, como símbolo de conquista desenvolvida pelo progresso técnico presente na vida contemporânea, que ao sair da esfera religiosa, o objeto passa a ser lançado à lógica capitalista, para que ela torne o objeto desejado pelo consumidor.

Ao chegar nas telas, o camundongo provocou uma alienação no público que procurava cada vez mais ir ao cinema para assisti-lo. A atratividade provocada pelas películas que o continham perpassaram todas as expectativas esperadas por seus

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE.
Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

criadores.

Nascendo, durante este processo, um enfeitiçamento pela mercadoria. Ora, sob a ótica de Marx, Benjamin percebeu que o homem sente uma necessidade extrema de obter produtos a todo custo: é nesse sentido que nasce uma alienação pela mercadoria, ou seja, o homem é cada vez mais enfeitiçado pela quantidade de objetos que surgem no mercado, como é o caso do próprio camundongo.

Foi a partir desta e de outras invenções que o cinema passou a obter um maior número de procura, pois à medida que iam surgindo novos modelos de atratividade, a procura se intensificava, criando uma alienação no público que não trocava uma ida ao cinema por um raro momento de descanso.

Notamos, nesse sentido, não apenas como a experiência da contemplação é causa de desejo no homem, mas como a própria técnica criada por ele zomba do mesmo. Ora, o homem por meio de sua criação quer tornar a imagem com a qual temos contato, mais perfeita do que a própria natureza. E isto é impossível, pois por mais perfeita que seja a imagem que chega até nós, ela contém defeitos, e pode sofrer alterações a todo o momento.

A mercadoria tornou-se para o homem um objeto de necessidade. Percebemos em nosso próprio cotidiano que muitas vezes os indivíduos compram determinados objetos não por necessidade, mas para que possam suprir seus desejos. Os objetos expostos pela Indústria perderam a teia sagrada que os envolvia, e tornaram-se apenas simples objetos de troca que podem ser substituídos a todo instante para satisfazer a necessidade de consumo de seus compradores.

Em meio a essa alienação que o mercado impõe a partir do capitalismo, percebemos que na era da reprodutibilidade técnica, ocorre uma destruição nas ações do patrimônio cultural, bem como no patrimônio aurático da obra de arte. Este fim é dado por meio de uma relação existente entre técnica e política. Pois conforme a arte vai se democratizando, ela tenderá a caminhar para a guerra.

Como enfatiza o próprio autor:

Todos os esforços para estetizar a política convergem para um único ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de propriedade existentes (BENJAMIN, 2012, 186).

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

Walter Benjamin enxerga a guerra como uma finalidade para a organização das massas proletárias, no entanto, o autor não enxerga nenhuma alteração neste processo. O que ocorre na verdade, é que assim como fazia o movimento facista daquela época, os atuais movimentos continuam tentando persuadir as massas para que elas acreditem que irão conseguir alcançar seus direitos, quando na verdade, não é exatamente isso que acontece.

Pois, o que eles realmente querem é manter essas massas numa espécie de rédea para que possam controlá-las e trazê-las para o seu lado, o que em alguns momentos acaba ocorrendo. Ou seja, eles embelezam a realidade para que essas pessoas sigam suas normas, e assim, possam ser capazes de obedecê-los.

Este foi o que Hitler e todo o regime nazista tentaram fazer. Ora, através da utilização da tecnologia, começaram a produzir filmes que mostravam uma necessidade de executar os judeus, o que foi aterrorizante, pois grande parte da massa que teve acesso a esses filmes acabaram concordando e participando deste genocídio.

CONCLUSÃO

A partir deste trabalho foi possível compreendermos como a chegada da modernidade contribuiu para as transformações que sofreram a arte e o patrimônio cultural. Muito embora o progresso dos meios técnicos tenha aberto espaço para uma aproximação entre o público e a arte, ele também foi capaz de causar uma série de consequências que acarretaram na perda da autenticidade das obras, e conseqüentemente, na perda da experiência que era repassada através das contações de história.

Uma vez que, com o advento da reprodução da imagem como mostra a fotografia e o próprio cinema, as massas começaram a se distanciar da tradição. Ora, o avanço tecnológico, e, sobretudo, a criação de novos aparelhos, como a criação do próprio telefone, fez com que as pessoas ficassem mais distraídas, alienadas em um objeto que é capaz de inseri-las em diversos mundos em um curto espaço de tempo.

A acessibilidade que a tecnologia tem alcançado no mundo contemporâneo já

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE.
Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

era, desde o início do período moderno, objeto de estudo e de preocupação por estudiosos da época, e pelo próprio Benjamin. Que, apesar de observar e destacar os pontos positivos dos meios técnicos, o autor também pressentia uma grande transformação que iria se instaurar na sociedade.

Pois, apesar da tecnologia nos proporcionar acesso livre à diversas experiências, ela também é capaz de nos aprisionar, e muitas vezes, permanecer em um mundo completamente diferente do nosso. Ou seja, ela nos faz dependentes de um determinado objeto e nos impede a absorver novos tipos de experiências, que não a do mundo digital.

Nesse sentido, notamos o quão podemos ser influenciados pela técnica, e sobretudo, pelo sistema capitalista. Haja vista que, quanto mais ele se desenvolve, mais ele nos impulsiona ao consumo, e nos afasta da tradição, assim como destaca Benjamin no início do ensaio *Experiência e Pobreza*.

Com base nisso, concluímos que a pesquisa tem grande relevância para o meio filosófico, uma vez que ela nos ajudou a compreender os fenômenos que estavam por trás das transformações sofridas pela arte, e pelo patrimônio cultural, o que acabou levando isso para uma crise ética, e também estética. Como a arte e o patrimônio cultural estão sempre em um processo de atualização, daremos a pesquisa por encerrada até que possam surgir novas contribuições.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: **Magia e técnica, arte e política**. 8 Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1).

Charles Baudelaire Um lírico no auge do capitalismo. 1 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2000 (Obras escolhidas v. 3).

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

OLIVEIRA, Luís Sérgio de (Org). **Walter Benjamin: arte e experiência**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Nau; Niterói/RJ: EdUFF, 2009, 328p.

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com

SILVA, G. V. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção.** (trad.).

LISBOA, Marijane, RIBEIRO, Vera. (org.) CAPISTRANO, Tadeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** (org.)

SILVA, Márcio. (trad.) SILVA, Gabriel. Porto Alegre, RS: L&PM, 3 Ed. 2019. (Coleção L&PM POCKET; v. 1216).

BRETAS, Aléxia. **A Constelação do sonho em Walter Benjamin.** 1 Ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

LIMA, José Edmar, CALLADO, Maria Teresinha de C. In. **A magia da técnica em Walter Benjamin.** Técnica e Existência Ensaios Filosóficos, Caminhar, 2012.

MELO, Marco César de Sousa, PAIVA, Ylfa Ariadne Oliveira Paiva. "O declínio da aura na idade da técnica: um estudo da obra de arte em Walter Benjamin".

Cadernos Walter Benjamin, N. 14. Endereço: <http://www.gewebe.com.br/> Acesso em: 08/11/2019

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo SEDUC-CE. Brasileiro, residente em Sobral-CE.
Email: smarcocesar@gmail.com

Graduada em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: isabellysantanaa@hotmail.com